



Revista

Da Cultura

Ano XIII – Nº 24 – Dezembro de 2014 – ISSN 1984-3690

Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres

Entrevista:

– General Adhemar da Costa Machado Filho

Chefe do Estado-Maior do Exército

Artigos:

A Participação do Brasil na 1ª Guerra Mundial

Gen César Augusto Nicodemus de Souza

Arqueologia do Forte dos Reis Magos em Natal

Marcos Albuquerque

**O Patrimônio Cultural e o IPHAN – Perspectivas
no Início do Século XXI**

Maria Cecília Londres Fonseca

O Conhecimento é Poder – o Arquivo

Histórico do Exército

Adler Homero Fonseca de Castro

Reportagem:

– Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres

Cel Paulo Roberto Rodrigues Teixeira

Editorial

No mundo em mudança, de rápidas transformações, a principal fonte das crenças, dos valores, das atitudes e dos pensamentos do soldado reside não mais no futuro, imprevisível e mutante, nem nos fatos portadores de futuro – como se dizia no passado – mas na história, no caminho percorrido, nos desafios superados, nas estratégias aplicadas, nos acertos e erros cometidos, nos pensamentos que se fizeram sobre o nosso presente, ainda desconhecido naquele passado.

A poderosa força da História é que permitirá, ao soldado, atuar e criar neste cenário movediço e, ao mesmo tempo, preservar a sua identidade e substância e, portanto, garantir a permanência do Exército Brasileiro, tal qual ele é e sempre foi.

O nosso Presidente, Dr. Flávio Corrêa, no seu artigo “Duque de Caxias”, retoma um dos mais simbólicos projetos da FUNCEB, a restauração do Monumento a Duque de Caxias, localizado na Praça Princesa Isabel, na cidade de São Paulo. Uma das maiores estátuas equestres do mundo.

A Revista DaCultura não tem nenhuma dúvida de que as dificuldades que circunscrevem esse grandioso empreendimento não resistirão à obstinação do nosso Presidente.

O nosso entrevistado é o General de Exército Adhemar da Costa Machado Filho, atual Chefe do Estado-Maior do Exército. Oficial dotado das mais excepcionais qualidades, na sua entrevista, aborda temas relevantes para a Força Terrestre. Com sua sabedoria, o General Adhemar refere-se ao Exército Brasileiro do seguinte modo: “Por ser uma instituição nacional, permanente e regular, com fortes compromissos com o passado glorioso e histórico e credor da confiança da sociedade – a quem serve e com quem sempre manteve um pacto indissolúvel – o Exército Brasileiro cultua valores que acabam por se constituir na coluna vertebral do atual processo de transformação”.

O Dr. Duailibi, um dos fundadores, Curador da FUNCEB e seu ex-Presidente, faz uma homenagem especial ao Dr. Aluizio Rebello, que, recentemente, faleceu. O Dr Aluizio ajudou a construir a nossa Fundação e foi, também, seu Curador e Presidente. O artigo do Dr. Duailibi expressa a admiração e o respeito que todos os integrantes da FUNCEB têm por esse importante protagonista da nossa história.

“A Participação do Brasil na 1ª Guerra Mundial” é um trabalho esclarecedor, de autoria do General César Augusto Nicodemus de Souza, abordando aspectos muito pouco conhecidos da participação do Brasil naquele conflito. O General Souza, com sua inteligência, enfoca questões de natureza econômica e diplomática, além das militares, que constituíam o cenário em que se desenrolaram aqueles acontecimentos.

O Arqueólogo Marcos Albuquerque, nosso colaborador frequente, brinda-nos com a “Arqueologia do Forte dos Reis Magos em Natal”. Nesse artigo, inicialmente, faz uma abordagem histórica sobre os fatores que conduziram à construção do Forte dos Reis Magos, tratando de aspectos políticos, econômicos e militares. Em seguida, enfoca a pesquisa arqueológica em andamento naquela fortificação, iniciada em 2013, que se orienta de acordo com duas vertentes: a científica e a voltada para atender aos trabalhos de restauração daquele Forte.

“O Patrimônio Cultural e o IPHAN: Perspectivas no Início do Século XXI” é o artigo produzido pela Dr^a Maria Cecília Londres Fonseca, integrante do Conselho Consultivo do IPHAN. Nesse estudo, a Dr^a Maria Cecília esclarece a tendência atual de estimular a diversificação dos tipos de bens a serem considerados para a proteção, bem como a maneira como são construídos. Ressalta, a articulista, o esforço que vem sendo empreendido para implantar, no País, o Sistema Nacional do Patrimônio Cultural, de modo a possibilitar maior organicidade às ações para o levantamento, o tombamento e a proteção de bens culturais, materiais e imateriais.

O Professor Adler Homero Fonseca de Castro, autor e coordenador da obra “Muralhas de Pedra, Canhões de Bronze, Homens de Ferro”, de quatro volumes, no artigo “Conhecimento é Poder – o Arquivo Histórico do Exército”, realiza uma análise interessantíssima sobre as relações do Conhecimento e do Poder. Nesse estudo, aborda o papel do Arquivo Histórico do Exército, desde a sua constituição, em 1808, até os dias atuais.

O Coronel Paulo Teixeira brinda-nos com o texto sobre a “Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres”, localizada na Ilha do Mel, no litoral do Paraná. Construída, em 1767, com a finalidade de prover a defesa da antiga Vila de Paranaguá, foi tombada pelo IPHAN e restaurada, em 1985, com recursos do Banco Mundial.

Desejamos a todos os nossos leitores as maiores felicidades, em 2015.

Synésio Scofano Fernandes
Diretor da Revista DaCultura

REVISTA

DaCultura

Diretor

Synésio Scofano Fernandes

Editor

Fundação Cultural Exército Brasileiro

Redator-Chefe

Paulo Roberto Rodrigues Teixeira

Colaborador

Juarez Genial

Revisão

Alvaro Luis Sarkis da Silva

Assistente de redação

Francisco Ferreira Machado

Editoração eletrônica

MURO Produções Gráficas

21 2541-6927

murillomachado232@gmail.com

Impressão

Poliyx Rioss Comércio Indústria

Serviços Gráficos Editorial Ltda

21 3352-8315

Os conceitos emitidos nas matérias assinadas são de exclusiva responsabilidade dos autores, não refletindo necessariamente a opinião da Revista e do Exército Brasileiro.

A Revista não se responsabiliza pelos dados cujas fontes estejam devidamente citadas.

Salvo expressa disposição em contrário, é permitida a reprodução total ou parcial das matérias publicadas, desde que mencionados o autor e a fonte.

Aceita-se intercâmbio com publicações nacionais ou estrangeiras.

Os originais deverão ser produzidos em formato A4 (210 x 297), com margens de 2,5cm (usar apenas um lado de cada folha, com letras de 12 pontos e entrelinhamento duplo), acompanhados de uma síntese do currículo e do endereço postal.

Os originais encaminhados à redação não serão devolvidos.

As referências bibliográficas devem ser feitas de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Por imposição de espaço, a redação, sem alterar o sentido e o conteúdo, pode fazer pequenas alterações no texto original.

Fundação Cultural Exército Brasileiro

Palácio Duque de Caxias

Praça Duque de Caxias

Nº 25 – Centro

Ala Marçílio Dias – 5º andar

Rio de Janeiro – RJ

CEP 20221-260

Tel: 21 2519-5352

Fax: 21 2519-5106

E-mail: funceb@funceb.org.br

www.funceb.org.br

PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

Distribuição gratuita

Tiragem: 7.000 exemplares

Sumário

ENTREVISTA

5 · General Adhemar da Costa Machado Filho



ARTIGOS

3 – Duque de Caxias

Flávio Corrêa

9 – Aluizio Rebello, Cidadão Brasileiro

Roberto Duailibi

12 – A Participação do Brasil na 1ª Guerra Mundial

Gen César Augusto Nicodemus de Souza

24 – Arqueologia do Forte dos Reis Magos

Marcos Albuquerque

35 – O Patrimônio Cultural e o IPHAN –
Perspectivas no Início do Século XXI

Maria Cecília Londres Fonseca

44 – Conhecimento é Poder

Adler Homero Fonseca de Castro



REPORTAGEM

54 – Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres

Cel Paulo Roberto Rodrigues Teixeira



AGRADECIMENTO

Ao historiador Adler, pelas imagens que colocou à nossa disposição e que enriqueceram a reportagem da Fortaleza.

Ao Comandante Dantas, Chefe da Capitania dos Portos de Paranaguá, e ao seu Imediato, Comandante Avelino, pelo apoio que nos proporcionaram, facilitando o nosso trabalho de pesquisa na cidade e na Ilha do Mel.

Aos nossos seletos articulistas, que nos brindaram com excelentes artigos nos diversos temas apresentados.

À FHE, pelo patrocínio desta revista, sem o qual não poderíamos editá-la.

"... Se quiserdes, e me ouvirdes, comereis o melhor desta terra."

Isaias 1:19



Nossa capa

Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres
Foi construída em 1767 pelos portugueses. Está localizada na Praia da Fortaleza, no sopé do Morro da Baleia, na Ilha do Mel, no litoral do Estado do Paraná.

FOTO DA CAPA: Ricardo Siqueira

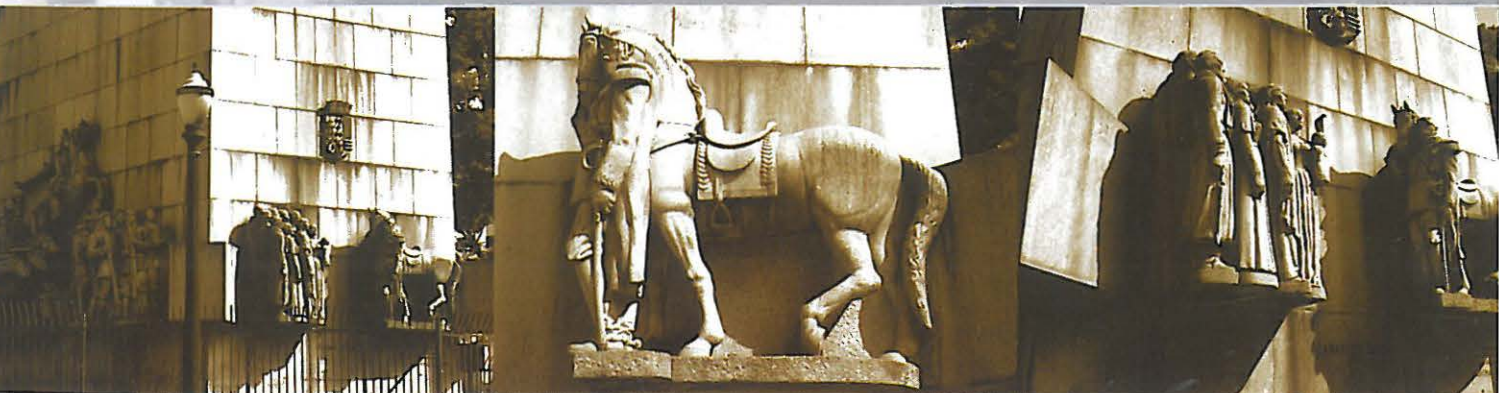
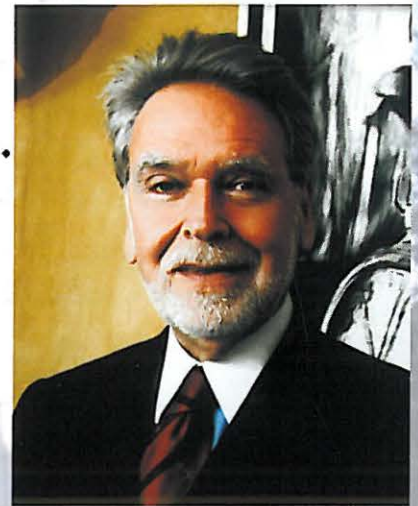


Duque de Caxias

Flávio Corrêa.....

Três dias antes das comemorações do Dia do Soldado, a FUNCEB recebeu ofício da Secretaria Municipal de Cultura, do Município de São Paulo, manifestando seu apoio à elaboração do projeto de restauro do Monumento a Duque de Caxias, localizado na Praça Princesa Isabel, e colocando à disposição a equipe técnica de Monumentos e Obras Artísticas para colaborar no seu desenvolvimento.

Sempre é bom lembrar que o nosso homenageado, Luis Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, nasceu em 25 de agosto de 1803, na Vila de Porto Estrela, Rio de Janeiro, hoje conhecida como Duque de Caxias. Patrono do Exército Brasileiro, aos 5 anos de idade foi aceito



como cadete e aos 15 anos já fazia parte da Academia Real Militar. Com uma carreira brilhante, chegou ao posto máximo de Marechal e se tornou conhecido como “o pacificador”, após sufocar muitas rebeliões contra o Império.

Se ele estivesse vivo, ficaria tão contente como nós, que poderemos trabalhar para a restauração desta obra magnífica que nele foi inspirada.

De autoria de Victor Brecheret, italiano de Farnese, Itália, nascido há 120 anos e que chegou ao Brasil aos 8 anos de idade, este monumento espetacular poderá ser, brevemente, devolvido ao usufruto da cidadania, recuperado e ampliado.

Trata-se da maior escultura equestre do mundo, tendo o cavalo mais de 11 metros de comprimento, equivalente ao tamanho de um ônibus e à altura de um prédio de 10 andares. Durante a sua execução, contou com a colaboração da população operária que doou um (1) dia de salário para a sua construção, que foi feita nas oficinas do Liceu de Artes e Ofícios. Em julho de 1950, estando a estátua ainda no Liceu, foi servido um almoço para 50 (cinquenta) convidados dentro da barriga do cavalo. Estavam presentes o Governador Ademar de Barros e autoridades da época. A obra do artista Victor Brecheret seria instalada no Largo do Paissandu, mas o artista contemplava a Praça

das Bandeiras no Vale do Anhangabaú. Por fim, a obra foi erguida pela Prefeitura na Praça Princesa Isabel, em 25 de agosto de 1960.

É possível que dentro de um ou dois anos, se tivermos êxito na empreitada, que vai depender da adesão da sociedade civil para custear as obras, o que nunca nos faltou, possamos comemorar o Dia do Soldado, reinaugurando esta obra artística tão emblemática para o Exército Brasileiro e para o Brasil como um todo, e que retrata um dos maiores heróis da nossa história.



Em julho de 1950, estando a estátua ainda no Liceu, foi servido um almoço para 50 (cinquenta) convidados dentro da barriga do cavalo.



Entrevista com o Chefe do EME

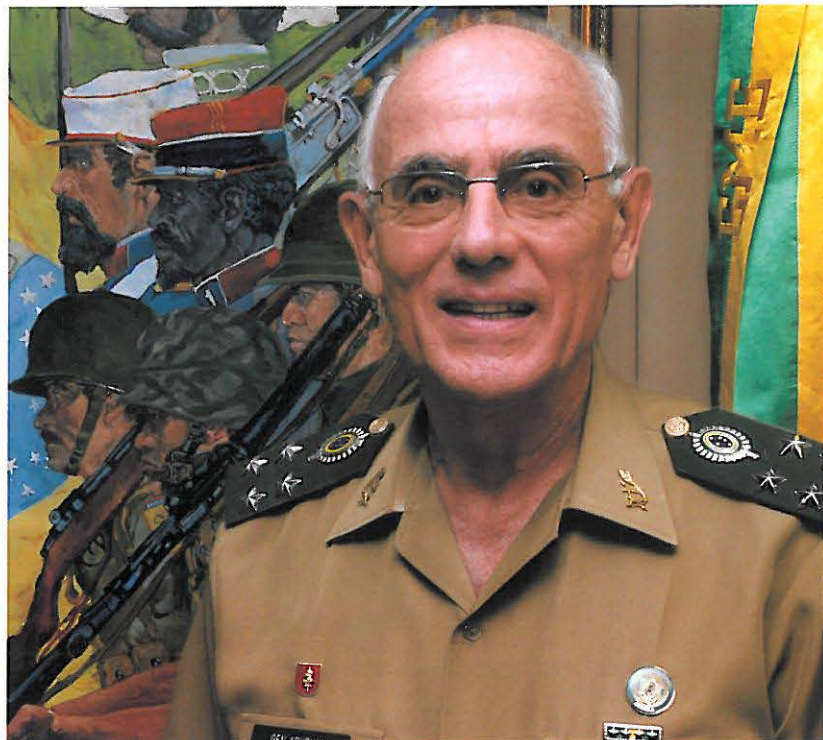
O General de Exército Adhemar da Costa Machado Filho nasceu a 5 de agosto de 1950, na cidade de Caçapava/SP, é filho de Adhemar da Costa Machado e de Dione Pompéia Dalledone Machado.

Incorporou às Fileiras do Exército em 2 de março de 1970, na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), Resende/RJ, e foi declarado Aspirante-a-Oficial da Arma de Infantaria em 15 de dezembro de 1973.

Foi Instrutor da Academia Militar das Agulhas Negras, da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

Como oficial superior, serviu no Comando Militar do Oeste (Campo Grande/MS), na Casa Militar da Presidência da República (Brasília/DF), na Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai, no Centro de Comunicação Social do Exército (Brasília/DF), no Gabinete do Ministro do Exército, e foi, também, assistente do Chefe do Estado-Maior do Exército.

Comandou o 62º Batalhão de Infantaria Motorizado, Joinville/SC, no biênio 1996/97, e o 3º Contingente de Força de Paz, em Angola, de agosto de 1996 a março de 97.



Foi promovido ao posto atual em 31 de março de 2011.

Como Oficial-General, foi Comandante da 14ª Brigada de Infantaria Motorizada (Florianópolis/SC), Chefe do Gabinete de Planejamento e Gestão do Departamento Geral do Pessoal (Brasília/DF), Comandante da 11ª Região Militar (Brasília/DF), Chefe do Centro de Comunicação Social do Exército (Brasília/DF), Comandante da 5ª Região Militar - 5ª Divisão de Exército (Curitiba/PR) e Comandante Militar do Sudeste (São Paulo/SP).

Assumiu o cargo de Chefe do Estado-Maior do Exército no dia 10 abril 14, em Brasília.

Possui como principais condecorações: Medalha Militar de Platina, Medalha do Pacificador, Ordem do Mérito Militar no grau de Grã-Cruz, Medalha das Nações Unidas (UNAVEN III), Distintivo de Comando Dourado.

Seguem as perguntas formuladas ao nosso ilustre entrevistado, General Adhemar da Costa Machado Filho, abordando aspectos culturais e estratégicos do Exército.

Arqueologia do Forte dos Reis Magos em Natal



.....
Marcos Albuquerque
.....

O Forte dos Reis Magos em Natal, tem despertado o interesse de vários historiadores contemporâneos, de modo a propiciar ao estudioso atual uma vasta fonte de referência.

Ao ser publicada a Revista DaCultura nº 10, o Cel Paulo Roberto Rodrigues Teixeira escreveu um artigo sobre este Forte, cuja leitura deverá anteceder ao trabalho de pesquisa arqueológica, apresentado de forma preliminar neste artigo, haja vista que a pesquisa ainda se encontra em curso.

A Capitania de Pernambuco estabeleceu-se desde os primeiros séculos da colonização portuguesa no que viria a se chamar Brasil. Já em 1516, foi estabelecido um entreposto comercial, fortificado, no continente, em frente à porção sul da Ilha de Itamaracá. Esta feitoria montada por Cristóvão Jacques, foi motivo de uma escavação arqueológica por nossa equipe, na década de 60. O resultado desta pesquisa demonstrou que esses primeiros contatos devem ter sido pacíficos, em função da ordenação espacial, qualitativa e quantitativa do material arqueológico resgatado. A área, nas margens do Canal de Santa Cruz, apresentava condições de porto e conseqüentemente de fundeadouro. Mais tarde, agora em 1535,

aportou nesta mesma região o primeiro donatário da Capitania de Pernambuco, Duarte Coelho, sua esposa D. Brites de Albuquerque e seu irmão, Jeronimo de Albuquerque. Fundaram Igarassu e, em seguida, Olinda, onde se estabeleceram.

A visão progressista de Duarte Coelho logo fez a Capitania de Pernambuco progredir, tornando-se um sucesso do Sistema Colonial Português que se implantava no Novo Mundo. O Foral de Olinda ainda é válido nos dias atuais, constituindo-se em uma demonstração da visão progressista desse donatário. Havia uma preocupação com os mananciais, com o disciplinamento da ocupação do solo e demais itens que ainda são discutidos, na atualidade, com propriedade. A administração profícua de Duarte Coelho colocou a Capitania de Pernambuco em destaque perante a Corte.

A produção do açúcar foi bem sucedida e conseqüentemente gerava divisas, tanto para o reinvestimento na região como para Portugal, o que viria mais tarde a despertar

interesse de outras potências europeias como a Holanda, sobretudo depois da União das Coroas Ibéricas.

O Sistema Colonial Português sentiu a necessidade de se expandir para o norte, além da capitania de Itamaracá que tinha seu limite norte na Baía da Traição, no atual estado da Paraíba. O alvo foi o Rio Grande do Norte. Após várias avaliações, foi determinado que deveria ser construído um forte na margem direita do Rio Potengi. O controle deste rio era, por suas características geopolíticas, de fundamental importância estratégica para a colimação das intenções portuguesas. Porém, estas intenções e interesses não podiam ser analiticamente dissociados dos interesses e objetivos de outros Sistemas que coexistiam, naquele período. A expansão do Sistema Colonial Europeu, como totalidade, constituía-se em um fato inequívoco, entretanto, para efeito de análise, o mesmo poderia ser entendido como um conjunto de subsistemas com objetivos e estratégias específicos.

Embora o Sistema Colonial Português se encontrasse inserido em um conjunto mais amplo, o europeu, o mesmo possuía características e objetivos particulares, como não seria diferente do francês, espanhol, holandês etc. O fato de esses subsistemas integrarem um sistema mais amplo não significava que não havia rivalidades e contendas entre eles. E porque seria diferente com os integrantes do Sistema Americano? Como um todo, poder-se-ia falar de um sistema independente, que não dependia de outros sistemas, como o europeu. Entretanto, internamente, este sistema era também composto de inúmeros subsistemas e apresentava situações análogas quanto a disputas, alianças, animosidades, conflitos, guerra e demais “atributos”, característicos do convívio



Mobilização da equipe de Arqueologia. Chegada do Laboratório Móvel de Arqueologia nas proximidades do Forte.



Análise do material arqueológico no interior do Laboratório Móvel.

das sociedades. E foi o entendimento desta situação um dos fatores que veio a favorecer a fixação europeia no Novo Mundo.

O Rio Grande do Norte encontrava-se densamente ocupado por grupos nativos e ainda era muito frequentado por franceses, o que muito incomodava aos interesses portugueses. Daí a necessidade lusa em conquistar essa área. A implantação de uma base fortificada era indispensável para a consecução deste objetivo e a resposta foi a edificação do Forte dos Reis Magos, objeto de estudo deste trabalho.

Das intenções, os portugueses partiram para a ação. Palmilharam a área e decidiram por local o forte sobre os arrecifes, na entrada da barra do Rio Potengi. Esta posição escolhida oferecia vários aspectos favoráveis, tanto do ponto de vista logístico como do

Início das escavações na Praça de Armas.



estratégico. Fechava a barra do Rio Potengi, impedindo o acesso inimigo, tanto ao porto como ao interior. Constituía-se em uma posição avançada em direção norte, tomando como base a Capitania de Pernambuco, já implantada. Possuía uma maior proximidade com a África e Europa, tendo como apoio intermediário o Arquipélago de Fernando de Noronha, aliás, este saliente nordestino constituiu-se em uma posição utilizada por ocasião da Segunda Guerra Mundial, e que ficou conhecida como

Trampolim da Vitória, dada a sua posição estratégica.

O seu posicionamento na Foz do Rio Potengi trouxe algumas vantagens, além das estratégicas, como a presença de peixes, crustáceos e moluscos abundantes nas áreas de mangue, ou seja, em áreas onde a água do rio mistura-se com a do mar, favorecendo o desenvolvimento destas espécies que necessitam de água salobra. Ainda nos dias atuais, considerando a poluição e predação, a área apresenta-se rica neste suprimento proteico, e, em caso de haver no período colonial uma interrupção de abastecimento, estaria garantida a base alimentar. O contato com poucos aliados indígenas, que se encontravam nas proximidades, poderia fornecer a farinha de mandioca, ou seja, o hidrato de carbono, também fundamental a uma dieta saudável. Frutos da restinga, dentre os quais o caju, garantiria o suprimento vitamínico e de sais minerais, aliás de fundamental im-

Os portugueses construíram este Forte sobre os arrecifes. Em todos os cortes realizados foi atingido o nível dos arrecifes, primeiro piso utilizado pelos seus construtores.



portância no combate ao es-corbuto, comum naquela época. Mas a localização do forte não apresentava apenas aspectos positivos. Tratando-se de uma área de mangue, em algumas fases da lua, a quantidade de insetos sugadores, como o maruim, torna o ambiente quase insuportável. Eram necessárias algumas medidas como se untar com óleos repelentes, aprendido com os indígenas, ou a manutenção de fogos acesos com bastante fumaça. Quem já teve a experiência de se deparar com esses insetos pode avaliar o desespero que deve ter sido vivenciado pelos construtores do forte.

Um outro aspecto negativo que pode ser ressaltado eram as formações dunares, comuns nesta região. No caso particular do Forte dos Reis Magos, havia uma duna a cavaleiro da fortificação sobre a qual os holandeses montaram suas baterias e a partir dela efetuaram o ataque que o conquistou.

O Forte dos Reis Magos foi um dos primeiros a ser construído em pedra, quando nesta época a maioria era construída em terra, tanto a muralha, contra muralha e para-peito. A escavação arqueológica que realizamos no Forte Orange, de construção holandesa, confirmou esta técnica construtiva. Dada a sua cronologia recuada, no fim do século XVI, em torno de 1598, o seu traçado corresponde



Como no início de qualquer construção, são colocadas marcações de referência. Neste corte foi encontrado um prego cravado sobre os arrecifes que marca o início da ocupação da área pelos portugueses.



Sobre os arrecifes, foi encontrada uma peroleira, utilizada pelos construtores do Forte, provavelmente para conter água doce.



Detalhe da remoção da peroleira.

Neste corte, realizado na Praça de Armas, pode-se observar na seqüência estratigráfica as diferentes ocupações do Forte. Na base, os arrecifes, onde os portugueses iniciaram a construção do Forte. Em seguida, uma camada clara fruto do aterro português para se afastar da umidade. Parte da camada escura usada pelos portugueses e parte pelos holandeses durante a sua ocupação. E, mais na superfície, aterro luso-brasileiro. Constante a preocupação com a redução da umidade interna do Forte.



Seqüência de pisos, no sentido da base para a superfície, no interior de uma dependência: 1: Base do corte, arrecife sobre o qual os portugueses iniciaram a construção; 2: Camada escura, fruto da incorporação de matéria orgânica pelo uso dos primeiros ocupantes; 3: Aterro de areia clara realizado pelos portugueses, sempre com a preocupação de redução da umidade; 4: Primeiro piso calçado no interior da dependência, construído pelos portugueses e posteriormente pisado pelo holandeses. Ainda apresentava umidade na preamar; 5: Aterro sobre o primeiro piso calçado; 6: Segundo piso calçado, este do século XIX; 7: Por fim, uma tijoleira quadrada do século XX.

a um período de transição, influenciado pela arquitetura militar medieval. Este forte, portanto, constitui-se em uma obra prima da arquitetura militar da época, em terras brasileiras. A sua construção impressionou bastante ao espião holandês que antecedeu a invasão, descrevendo-o de forma notável.

O Forte dos Reis Magos será restaurado pelo IPHAN/RN com recursos oriundos do PAC (Plano de Aceleração do Crescimento) das Cidades Históricas. O seu Superintendente, Dr. Onésimo Santos, resolveu anteceder a restauração por uma pesquisa arqueológica. Este procedimento, respaldado em cartas patrimoniais internacionais, das quais o Brasil é signatário, estimula a execução de uma restauração fundamentada em dados científicos através de uma pesquisa arqueológica. Foi realizada, portanto, uma licitação pública da qual resultou em uma sinergia entre a Arqueologia Pesquisas, o Laboratório de Arqueologia da UFPE e a própria Superintendência do IPHAN/RN.

A pesquisa arqueológica orientou-se em duas vertentes distintas e inter-relacionadas; a científica e a voltada para atender aos requisitos específicos da restauração. A primeira, procurando o entendimento possível do cotidiano dos ocupantes do forte, desde os primeiros procedimentos construtivos até a vida diária de seus ocupantes, incluídos

os combates. A segunda vertente direcionou-se para apresentar aos restauradores os diferentes fácies por que passou o monumento, cabendo aos mesmos optarem pelo que devem priorizar.

As pesquisas arqueológicas tiveram início em dezembro de 2013 e ainda continuam em curso. Os resultados obtidos até o momento já permitem uma grande aproximação com a

materialidade deste monumento, até então submersa nas profundezas de suas camadas.

Realizada a mobilização da nossa equipe, tiveram início os primeiros procedimentos operacionais para o desenvolvimento da pesquisa de campo. A metodologia adotada baseia-se, por um lado, no entendimento do Forte como um sistema isolado e, por outro, pela inserção do mesmo em um sistema mais amplo, no qual ele se constitui em um de seus elementos funcionais. Isoladamente, enquanto elemento funcional, temos que pensar arqueologicamente, em responder questões quanto aos subsistemas de alimentação, abrigo, defesa, comunicação, transporte e demais necessidades que se constituíam em seu cotidiano. Ainda do ponto de vista arqueológico, foram consideradas as várias interferências que o monumento sofreu, ao longo de sua existência, desde a escolha do local até o estado em que o mesmo se encontra, na atualidade, o que contribuirá para a sua restauração.

Com base nos objetivos propostos, teve início a escavação arqueológica. A Praça de Armas já foi praticamente toda escavada. Buscaram-se elementos que indicassem o



Em todas as dependências foram realizados cortes de parede, com a finalidade de se estudar a técnica construtiva como também o material utilizado



Em uma das casamatas foi identificada uma abertura, além do arco, com a finalidade de dissipar os gases após um disparo de canhão.



Nível de piso encontrado na casamata na atualidade, incompatível com o posicionamento de um canhão, mesmo de pequeno porte.



As escavações arqueológicas na casamata revelaram o nível original desta dependência, agora compatível com o posicionamento de um canhão. Provavelmente será utilizado na restauração que sucederá esta pesquisa.



Sobre os arrecifes, base do corte, a pesquisa revelou que os alicerces foram em pedra em sossa, ou seja, pedra sobre pedra sem argamassa. Esta técnica permite o fluxo e refluxo das águas na preamar sem comprometer as estruturas.

início das primeiras atividades dos portugueses para a edificação da fortificação. Em todos os cortes realizados nesta porção da fortificação, constatou-se que a edificação fora construída sobre os arrecifes. Esta afirmação era de conhecimento dos historiadores com base nas informações textuais. O que não poderia ser afirmado até então era que toda a fortificação se encontrava sobre os arrecifes.

As dependências também foram escavadas, como ainda parte do terrapleno. Em todas elas foram realizados cortes de parede em

quotas positivas. Embora a pesquisa arqueológica não tenha sido concluída, já se obteve um conjunto significativo de resultados. Elenca-remos, neste artigo sobre o Forte dos Reis Magos, alguns destes resultados obtidos pela pesquisa arqueológica.

1- Em todos os cortes realizados, tanto na Praça de Armas como nas dependências, foi atingido o nível dos arrecifes em suas bases. Esta constatação não apenas confirma relatos históricos como permite afirmar que esta técnica foi utilizada na totalidade da fortificação.

2- Como na preamar as águas do mar atingem os arrecifes, foram utilizadas para os alicerces as pedras em sossa, ou seja, pedra sobre pedra sem argamassa. Esta técnica, utilizada em todos os alicerces, permite a passagem da água do mar, reduzindo consequentemente a ação do empuxo. Sobre esta camada, foram edificadas as paredes argamassadas.

3- Por ocasião das escavações, constatou-se que a base dos cortes, sobre os arrecifes, ficam cobertas de água duas vezes ao dia, consequentemente criando uma superfície úmida na primeira camada de ocupação. Houve, portanto, a necessidade por parte dos primeiros construtores de recobrir os arrecifes com uma camada de areia. Em virtude da seleção dos grãos, pode-se afirmar que esta matéria prima foi transportada a partir da formação dunar, de origem eólica.

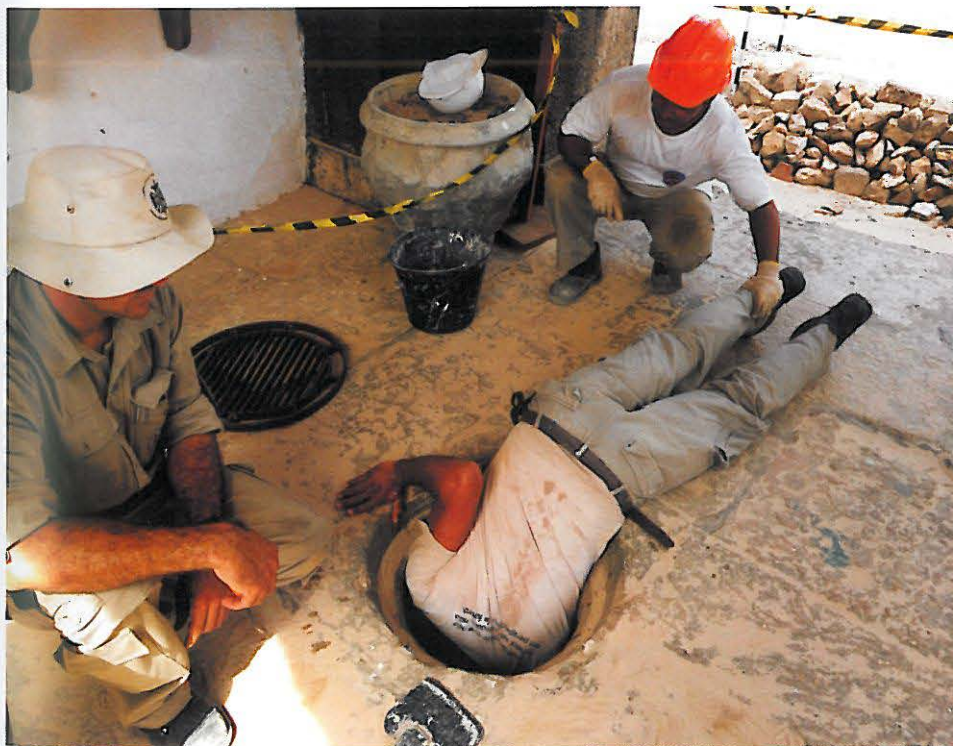
4- Foi observado, também, que durante os primeiros tempos de construção do forte, pelos portugueses, as dependências não foram ocupadas, simultaneamente. A presença de restos de fogo, em muitas delas, denota a preparação de alimentação de forma independente, e não com um rancho único.

5- Identificaram-se distintas interferências construtivas ocorridas ao longo dos séculos, o que contribuirá também para o partido arquitetônico a ser adotado na restauração. De modo análogo, também foram identificados diferentes níveis de ocupação do forte, desde a sua construção e uso pelos portugueses, pelos holandeses e reformas ocorridas no século XX.

Muitas outras observações e constatações já foram identificadas de modo a permitir uma res-



Um dos pisos da Praça de Armas foi revestido em quadras. Marca negativa na argamassa que o sustentava.



O pequeno poço, conforme nossa pesquisa, fornece água doce na preamar por represamento das águas continentais. 240 litros em uma preamar de 2,10m. Foi testado PH e salinidade em vários dias, denotando potabilidade da mesma.



Água fluindo após o esgotamento do poço.

tauração segura deste monumento militar. Esperamos, em próximo artigo, após a análise completa de todo o material arqueológico, que deverá ocorrer nos próximos meses, apresentar uma visão geral, não apenas de todas as etapas construtivas deste forte como ainda de parte do cotidiano de seus ocupantes.

Indiscutivelmente, o Forte dos Reis Magos, em Natal, constitui-se em um monumento digno de ser estudado e preservado pelo seu significado multinacional, inserido no período colonial brasileiro.



Dependência com seteira de ventilação deve ter sido o primeiro depósito de pólvora, utilizado nos primeiros 20 anos de ocupação do Forte.



Segunda casa de pólvora, construída no centro da Praça de Armas e que ainda permanece nos dias atuais.



Abertura frontal que deve ter sido a terceira casa de pólvora. Encontramos vestígios de um piso em madeira. À direita, escada obstruindo uma das aberturas em arco e que permite o acesso a uma cisterna, construída em seguida.



Embalagem do material arqueológico, devidamente etiquetado segundo sua distribuição tridimensional no sítio, para ser encaminhado ao laboratório para análise.

MARCOS ALBUQUERQUE

É natural da Cidade do Recife. Arqueólogo, Coordenador do Laboratório de Arqueologia da UFPE, Pesquisador do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército, Membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, Membro da Academia de História Militar do Paraguai e Membro da Academia de Artes, Letras e Ciência de Olinda.